

Entrevista

Entrevista

com Prof. Dr. Hércules Toledo Corrêa, professor da UFOP.

Begma Tavares Barbosa*

begma@acessa.com

*Profa Dra do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF

O tema “Literatura na Escola” foi apontado, em enquete recente da Revista Práticas de Linguagem, como 2º tema de maior interesse dos leitores. Nesta entrevista, o prof. Hércules Corrêa Toledo discute questões relativas ao letramento literário de crianças, adolescentes e jovens. Professor do Centro de Educação Aberta e à Distância da UFOP – área de Letramento e novas tecnologias para formação de professores – e do Mestrado em Educação, o prof Hércules traz também para esta entrevista sua experiência como membro do CEALE/UFMG, grupo que vem oferecendo grandes contribuições ao debate em torno da formação para a Literatura.

RPL: Os trabalhos do CEALE/UFMG, grupo ao qual você está vinculado, têm oferecido uma contribuição fundamental ao campo do Letramento Literário. Começemos, então, por uma definição. O que é Letramento Literário? Na escola, o que seriam boas práticas de letramento literário?

Hércules: A expressão letramento literário foi cunhada pela Profa. Graça Paulino, em um texto que foi apresentado à ANPED em 1999 (título do texto: “Letramento literário: cânones estéticos e cânones literários). Um ano antes, a Profa. Magda Soares, fundadora do CEALE, havia publicado o livro *Letramento: um tema em três gêneros* (Autêntica, 1998), que se tornou referência fundamental para os estudos sobre letramento e

alfabetização nos anos posteriores. A partir do conceito de letramento, entendido como usos sociais da leitura e da escrita, para além da aquisição das competências de leitura e escrita, o termo “letramento literário” aponta para a necessidade de se conceber uma expressão que dê conta dos usos sociais da leitura literária, principalmente, mas também desse tipo de escrita. O letramento literário pressupõe a formação de leitores capazes de escolher autonomamente os livros literários que desejam ler, que transitem conscientemente pela literatura e até mesmo por outras formas de manifestações artístico-culturais intrinsecamente ligadas à literatura (como, por exemplo, as imagens que constituem livros para diferentes públicos, os projetos gráficos, as relações com o cinema, dentre outras). O letramento literário é o responsável pela promoção da leitura literária nas diferentes agências de letramento, dentre as quais a escola é uma das mais importantes.

RPL: Acredito que só se constroem boas práticas de letramento literário quando os professores ou outros mediadores de leitura acreditam no valor da literatura. O que você diria a esse respeito? Pra que serve a literatura? Que contribuições ela pode oferecer à formação de nossas crianças, adolescentes e jovens?

Hércules: Eu concordo plenamente com você. O professor, para formar alunos leitores, precisa ser, ele também, um leitor. Não se ensina o que não se sabe. Professores leitores, ao tratarem do livro e da leitura em suas aulas, são responsáveis por despertar nos alunos o desejo de, eles também, tornarem-se leitores literários. No âmbito acadêmico, pesquisadores da área são praticamente unânimes com relação a essa forma de pensar. Bartolomeu Campos de Queirós, um homem sensível que dedicou boa parte da sua vida a falar sobre livros e leitura, sempre propagou a ideia do livro como objeto do desejo, preferindo a expressão “gosto pela leitura” à expressão “hábito de leitura”. Para o escritor, falar

em “hábito” podia remeter a práticas menos importantes e até mesmo desvalorizadas contemporaneamente (vejamos, por exemplo, a expressão “hábito de fumar”), enquanto “gosto” está mais associado ao prazer, à leitura e ao deleite por práticas mais valorizadas e legitimadas culturalmente, como “gosto pela leitura”, “gosto pelo cinema”, “gosto pela música”... Mas é importante frisarmos que não é toda leitura de literatura, nem todo gosto pela música ou pelo cinema que é valorizado culturalmente. Já há muito tempo somos bombardeados por diferentes mídias com produtos de gosto duvidoso, de qualidade duvidosa, e estamos usando essa palavra para não sermos muito radicais. É dever da escola e, por conseguinte, dos professores, aperfeiçoar e aprimorar o gosto dos alunos, ampliar o chamado “horizonte de expectativas” do leitor, conforme preconizou Hans Robert Jauss, importante crítico literário alemão na sua “estética da recepção”. A literatura, também recuperando as ideias defendidas por Jauss, constitui uma forma de emancipação da humanidade, porque permite aos leitores se deslocar de suas tarefas cotidianas e mais imediatas. No Brasil, o importante crítico literário Antônio Candido também defende o direito à literatura, em um ensaio de 1988 e que tem sido constantemente citado pelos estudiosos da formação de leitores. Este ano mesmo saiu um livro, publicado pela Universidade Federal de Pernambuco, em que este texto é republicado, acompanhado de um conjunto de ensaios de figuras proeminentes da área do letramento literário aqui no Brasil (LIMA, Aldo de (org). *O direito à literatura*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012). A literatura serve, então, para ampliar os horizontes de expectativas de todos os leitores, sejam eles crianças, jovens e adultos. Por meio da literatura experienciamos diferentes mundos, diferentes épocas, diferentes espaços, mais ou menos distantes da nossa realidade. Outros produtos culturais também nos possibilitam isso, como o cinema, a música e até mesmo as mal faladas telenovelas brasileiras, mas nós, professores e pesquisadores envolvidos com a literatura, acreditamos nessa grande contribuição que a literatura pode

dar para a população, a ampliação do horizonte cultural. Lembremos as já tão citadas palavras dos músicos da banda de rock Titãs: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Nós não precisamos apenas de bens materiais imediatos, precisamos também de satisfazer nossas necessidades mais “profundas”, digamos assim.

RPL: A partir das pesquisas realizadas no CEALE e da sua experiência na área, que equívocos mais frequentes se observam no tratamento do literário nas séries iniciais do ensino fundamental? Fale um pouco sobre a relação da criança com o livro e com a literatura.

Hércules: Podemos perceber que, felizmente, na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a leitura de livros literários, mediada pelos professores ou feita autonomamente pelas crianças já alfabetizadas, tem sido melhor conduzida na perspectiva do deleite, da fruição, enquanto nas séries finais do Ensino Fundamental e, principalmente, no Ensino Médio, a leitura literária vai tomando ares de “ensino de literatura”, que passa muitas vezes pelas famosas “fichas de leitura” e pelos estudos de periodização dos estilos literários e outros “conteúdos”. O livro, a obra em si, é deixado de lado, para se frisar aspectos que passam muitas vezes por outras dimensões do campo literário. Por outro lado, o maior problema que percebemos com relação à leitura dos livros na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental é o uso do texto literário como um livro para “aprender coisas”, tornando a literatura um texto utilitário. Trata-se, portanto, do que a Profa. Magda Soares chamou de “escolarização inadequada” da leitura literária: a literatura chega à escola como pretexto para se ensinar conteúdos como ortografia ou até mesmo para se ensinar hábitos de higiene, conceitos das ciências e coisas do tipo. É preciso, então, que o

professor seja formado de maneira que saiba distinguir um texto literário de um texto utilitário, “travestido” de literatura. Não é inadequado, por exemplo, produzir um livro com configurações típicas de livro infantil (tamanho, imagens, cores e outros recursos gráficos) para ensinar nomes de animais brasileiros, nem conscientizar para uma campanha contra a dengue, mas o professor precisa saber distinguir que aquilo não é um texto literário, porque não tem intenções artísticas, estéticas, com relação à linguagem verbal. Encontramos, mais raramente, livros que, por terem sido escritos por pessoas qualificadas e talentosas, mesmo tendo sido feitos com uma intenção inicial de ensinar algo, o fazem de forma poética, artística. É o caso, por exemplo, do livro *Correspondência*, de Bartolomeu Campos de Queirós, que foi produzido por encomenda, para tratar de questões relativas à cidadania. Este livro tem uma ambiguidade tal que, ao mesmo tempo que é lido por e para crianças, também já foi indicado num edital de seleção para curso de mestrado na área do Direito. Nota-se, também, com relação ao exemplo dado, um primoroso trabalho gráfico, que já se evidencia na capa, que remete ao “envelope aéreo”, que nos reporta aos correios dos anos 70. Cito muitos exemplos do escritor Bartolomeu Queirós por conhecer melhor a obra dele, por ter acompanhado mais de perto a sua produção e saber de alguns detalhes que nem sempre são divulgados. Outros escritores, no entanto, também já produziram obras “de encomenda” com bastante qualidade gráfico-editorial e também literária.

RPL: Em seu artigo “Adolescentes leitores: eles ainda existem” você trata do tema da paixão pela leitura. Parece-me que a escola vem trabalhando numa direção contrária a essa, criando, em alguns casos, forte resistência à literatura. Como avalia essa situação?

Hércules: Quando fui apresentar esse texto numa das edições do Jogo do Livro, muitos me disseram estar curiosos porque a experiência deles mostrava o contrário. É bem verdade que, nesse texto, eu mostrei os resultados de uma pesquisa feita com leitores adolescentes bastante envolvidos com a leitura, o que não é a regra. Mas já tive oportunidade, também, em outras edições do Jogo do Livro, de mediar uma mesa com crianças e adolescentes que se destacavam por terem essa paixão pelos livros. Também encontro, por meio de depoimentos de amigos, professores e pais de adolescentes e crianças, relatos sobre crianças e jovens que se interessam por livros. Muitas vezes, não são os livros recomendados pela escola. Sabemos dos interesses de jovens, hoje, por séries de livros, volumosos, em virtude de fortes esquemas de *marketing*. Embora possamos não gostar desse tipo de livro, não podemos negar que, independentemente do *marketing* que faz com que sejam vendidos e lidos, eles constituem uma possível ponte para a chamada “alta literatura”. Vou contar uma breve história: conheci, faz pouco tempo, a história de um jovem estudante de Ciências Sociais, de cabelo grande, apaixonado por *rock*, que estava lendo Dostoiévski e até aprendendo russo, pela internet. No quarto desse rapaz, havia alguns exemplares de livros dessas coleções e várias revistas japonesas, do tipo “mangá”, que fazem muito sucesso entre os jovens. Percebi claramente o movimento de leitura do jovem. Influenciado por sua mãe, professora universitária da Pedagogia, interessadíssima na literatura para crianças, essa professora me contou que o filho sempre fora um leitor voraz das histórias infantis que a mãe apresentava. Na adolescência, passou por uma fase da leitura de *best sellers* estrangeiros. Quando entrou para a universidade, começou a ler compulsivamente obras da área de política, filosofia, antropologia e sociologia, por sua opção acadêmica. Mas a leitura de uma nova versão de *Um jogador*, de Dostoiévski, e outras obras do escritor russo, já apontava para o interesse pela a “alta literatura”. Acho que, se eu estivesse atuando, hoje, no Ensino Médio, eu tentaria fazer um trabalho que

proporcionasse essa ponte entre um tipo de literatura e outro, se é que podemos polarizar dessa forma. Também ando pesquisando sobre o uso dos *fanfictions* ou *fanfics* por parte dos jovens leitores e acho que aí pode estar um importante aliado do professor e da escola. Se, por conta própria, grupos de adolescentes interagem, comentando e, importantíssimo dizer, produzindo uma espécie de “literatura paralela” à que leem, por que não conhecer e utilizar essa ferramenta na sala de aula? Mas devemos tomar muito cuidado ao escolarizá-la, para não a escolarizarmos inadequadamente.

RPL: No Ensino Médio, etapa da escolarização em que a Literatura ganha status de disciplina curricular, temos observado que as aulas ainda se ocupam mais de estudos históricos e teóricos que propriamente da leitura dos textos, inclusive dos clássicos. Qual deveria ser, na sua opinião, o objetivo da disciplina no Ensino Médio?

Hércules: Acredito que, também no Ensino Médio, a leitura literária deveria ser a tônica. No livro *Como um romance* (Rocco, 1993), Daniel Pennac relata várias experiências de leitura com adolescentes franceses. Filmes como *Sociedade dos poetas mortos* também mostram experiências de leitura no correspondente ao Ensino Médio. O acesso ao livro, a leitura, a discussão sobre o livro, a partir do livro, deve estar presente no ensino de literatura de todos os níveis, da Educação Infantil às etapas mais avançadas dos graus acadêmicos. Aula de literatura, sem leitura do texto literário, na minha opinião, é aula de outra coisa...

RPL: Em uma pesquisa feita no C.A João XXIII, cujo objetivo era traçar o perfil do leitor jovem, constatamos que um dos motivos de resistência à leitura dos clássicos era a dificuldade colocada pelos próprios textos, que os alunos, muito frequentemente,

diziam ser “difíceis”. Esse dado não estaria apontando para a necessidade de que a escola assuma a tarefa de ensinar a ler literatura? O que chamo de ensinar a ler incluiria produzir mediações que ensinassem a lidar com as estratégias e recursos do literário, desenvolvendo habilidades leitoras. Acha que essa seria uma proposta legítima, ou ela pode “ferir” ou “constranger” a experiência literária que, para alguns, deveria ser mais espontânea, livre?

Hércules: Primeiramente, quero parabenizar a UFJF por ter feito essa pesquisa no C. A. João XXIII. Só conhecendo melhor os nossos alunos (leitores ou não) teremos condições de planejar nossas ações e traçarmos metas. A mediação literária é mesmo importantíssima no processo de formação de leitores. Se bem realizada, não vejo como ela feriria ou constrangeria tanto, porque é, a meu ver, a única forma de conscientizar, de formar criticamente esse leitor. Vamos pensar num exemplo prático. Se eu quero que meu aluno de Ensino Médio leia *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, eu posso fazer um trabalho de mediação que passe primeiramente pela leitura de textos que dialoguem com essa obra e sejam mais acessíveis ao jovem, como o livro *O bom ladrão*, de Fernando Sabino. Há também várias obras para cinema e TV baseadas no livro de Machado de Assis. Conhecer essas obras é uma forma de tornar a leitura do livro mais instigante, de mostrar para os alunos que essa obra é importante, que muitos artistas contemporâneos a valorizam, produzem peças, minisséries, filmes baseados nela. Podemos montar um projeto de trabalho que chegue à leitura do clássico passando por textos mais acessíveis e em outras linguagens. O aluno terá paciência de chegar a Machado de Assis? Se o trabalho for bem planejado, eu acredito que sim. Produzir *fanfics*, *blogs* ou pequenos vídeos a partir dessas obras também me parece um trabalho bem interessante.

RPL: Como você avalia o tratamento da Literatura nos livros didáticos?

Hércules: De textos predominantes nos livros didáticos, os textos literários perderam a predominância nesses materiais com a emergência dos estudos de gêneros discursivos, que apontavam para a necessidade de se trabalhar uma diversidade de esferas de circulação, de suportes, de gêneros nessas obras. Mais recentemente, os textos literários voltaram a ser maioria nos livros didáticos e as formas de abordagem deles também foram sendo aprimoradas. Pesquisas que tenho realizado em parceria com a Professora Delaine Cafiero, da Faculdade de Letras da UFMG, têm evidenciado que o trabalho com os textos literários tem sido mais enfatizado nos livros inscritos nas diferentes edições do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, embora haja ainda um longo caminho a trilhar. Conceitos como os de pacto de leitura, fruição literária, intertextualidade, interdiscursividade têm sido melhor trabalhados pelos autores de livros didáticos. É importante destacar, no entanto, que o texto literário no livro didático constitui um recorte, um reendereço da literatura, que precisa ser visto com cautela. O ideal é mesmo o bom, velho e tradicional suporte livro de literatura.

RPL: O que você teria mais a dizer àqueles que desejam dedicar-se à formação de leitores, particularmente, de literatura?

Hércules: Eu diria que sempre é hora de começar a ler livros literários, ou de recomeçar a lê-los. Eu mesmo já tive tantas vezes que me abster da leitura literária por tantos motivos, mas sempre que tenho oportunidade, encontro um momento para me deleitar com um poema, com uma letra de canção bem elaborada, com um conto ou um romance. Eu ainda não havia lido, por exemplo, *A mulher de 30 anos*, de Balzac. Este ano, tive a oportunidade de lê-lo. Gastei mais tempo para ler esse

livro, do que para a leitura de *Solidão continental*, um romance contemporâneo do João Gilberto Noll, ou *O livro das horas*, de Néida Piñon, porque eu também tenho, todos nós temos, acredito, como os alunos dos ensinos fundamental e médio, mais dificuldades de leitura dos textos clássicos, seja pela linguagem utilizada, seja pela estrutura mais ou menos diferente dos textos contemporâneos que costumam ler, mas nada que não possamos transpor quando temos o desejo de ler, de atravessar a ponte.

Novembro de 2012.